

Fontes de informação da cultura negra afro-brasileira: aplicações e aprendizagem da atitude antirracista

Sidnei Rodrigues de Andrade¹

Claudia Silveira Onorato²

Resumo

O presente artigo científico tem a finalidade de indicar fontes de informação para atitude antirracista a partir da experiência de atuação do autor na biblioteca do CRIA (Centro de Referência, Pesquisa e Bibliotecas das Favelas) do Museu das Favelas. Explicando o conceito num infográfico e discorrendo sobre os itens informacionais que são necessários para compreendermos o racismo estrutural.

Palavras-chaves: Antirracismo – Educação – Comunicação.

Introdução

O Centro de Referência, Pesquisa e Biblioteca das Favelas (CRIA) tem como finalidade organizar, salvaguardar e disseminar itens informacionais sobre as memórias das periferias e favelas. É representado por uma biblioteca especializada em acervos bibliográficos, composta, em sua maioria, por obras de autores da literatura periférica e por pesquisadores sobre a temática. Este artigo foi elaborado para atender às necessidades informacionais da sociedade civil brasileira.

O propósito de referenciar as fontes de informação necessárias para a compreensão do racismo estrutural no Brasil é auxiliar instituições, organizações e indivíduos na busca por itens informacionais que promovam a instrução sobre as estratégias para se tornar uma sociedade antirracista. Na primeira parte do artigo, apresentamos um infográfico de autoria

¹ Bibliotecário do Centro de Referência, Pesquisa e Biblioteca do Museu das Favelas (CRIA).

² Coautora. Bibliotecária do Centro de Referência, Pesquisa e Biblioteca do Museu das Favelas (CRIA).

de Bruna Santiago, participante da rede de Pesquisadores das Literaturas de Autoria Negra sobre o racismo estrutural, que se expande para outras áreas do conhecimento. O leitor perceberá os mecanismos de exclusão e segregação racial, por meio de cada conceito-tópico, que expressam o projeto do neocolonialismo.

Em seguida, indicamos fontes de informação sobre cultura e educação antirracista, desde a contextualização até a conjuntura contemporânea, explicando os motivos pelos quais o leitor ou pesquisador deve consultar esses itens informacionais. O racismo no tecido social, no pós-ditadura militar, manifesta-se de forma violenta e agressiva, e os movimentos sociais contra-argumentam esses atos de discriminação étnico-raciais.

A desconstrução do racismo estrutural na lógica neoliberal aponta onde podemos começar a reconstruir narrativas para a comunidade negra afrodescendente. A Psicologia e a Psicanálise, com autores negros afro-brasileiros, emergem como aliados fortes no combate ao racismo, evidenciando os detalhes da desigualdade econômica e social. Por último, abordamos o racismo ambiental, que afeta a biodiversidade e sofre as consequências do processo de urbanização e da tecnologia acelerada.

Apresentamos indicações de livros e vídeos disponíveis nas mídias sociais para aqueles que desejam se tornar atores sociais antirracistas em um aprendizado básico. Esperamos que este artigo seja instrumento em ações educativas e culturais para toda a sociedade civil brasileira. Venham conosco construir juntos uma sociedade antirracista. Axé e Ubuntu!

Racismo estrutural na lógica do colonialismo

O continente africano é considerado um dos mais antigos e desenvolvidos do planeta, antes do século XVIII. Após as invasões dos países imperialistas, as nações africanas se tornaram palco de guerras e imensa desigualdade socioeconômica.

O colonialismo europeu, em conjunto com as nações imperialistas, sempre teve como principal meta a exploração, a dominação e a destruição das nações abaixo da linha do Equador, com interesse nas reservas naturais, como diamantes, petróleo e biodiversidade. O infográfico de autoria de Bruna Santiago, integrante do coletivo Leituras Pretas, mostra como o racismo estrutural se expressa por meio de preconceitos, desigualdades e ódio à

diversidade cultural humana, continuando no inconsciente das populações, instituições e organizações:



Fonte: @leituraspretas – Bruna Santiago - Instagram, Rede de Pesquisadores das Literaturas de Autoria Negra e Afro-Brasileira – Facebook.

O racismo é um mecanismo de subalternidade das minorias, prejudicando desde aspectos psicológicos a fatores socioeconômicos e políticos. O colonialismo imperialista dos países desenvolvidos determina que o branco é a principal referência do planeta. Enquanto as outras etnias estão inseridas em uma lógica hierarquizada, os indivíduos brancos são sempre considerados “vencedores” e seres superiores. Independentemente do avanço das tecnologias em economia e cultura, grupos sociais (negros, mulheres, LGBTQIA+, pessoas com deficiência) são tratados de forma pedagógica como indivíduos inferiores, julgados pela cor da pele, identidade cultural e social.

A **branquitude** é a principal protagonista que educa, incentiva e exclui por meio do racismo, construindo a estrutura do tecido social das instituições e organizações. Nos conceitos de **Política**, na democracia representativa, os partidos políticos, por meio do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), devem incluir, pelo menos, de 10 a 35% de sujeitos negros afro-brasileiros em sua gestão administrativa. Porém, em sua maioria, são compostos por

indivíduos brancos, que não obedecem a essa legislação brasileira. No campo do **Direito**, os instrumentos jurídicos são construídos pela ideologia europeia e dos países imperialistas. Algumas legislações antirracistas foram elaboradas pelos movimentos sociais negros afro-brasileiros, mas seu progresso ainda é lento. Na **Economia**, em países em desenvolvimento, o salário de indivíduos brancos é três vezes maior que o salário de sujeitos negros, que é consideravelmente mais baixo no mercado de trabalho.

Os três campos do racismo estrutural mencionados anteriormente operam na manutenção do privilégio da branquitude e produzem os subtipos de racismo relacionados a seguir:

- **Institucional:** Em algumas organizações e instituições o quadro de funcionários composto por sujeitos negros ainda é minoria, especialmente em cargos de liderança.
- **Ambiental:** O processo de urbanização acelerada prejudica a biodiversidade.
- **Velado:** Quando um sujeito negro sofre injúria racial, muitas vezes se cala por medo de se manifestar.
- **Recreativo:** Piadas irônicas sobre a comunidade negra são comuns, e os meios de comunicação reforçam estereótipos de preconceito.
- **Linguístico:** A diversidade linguística dos povos originários é frequentemente menosprezada, com a valorização apenas da língua falada pelos brancos.

Esses subtipos reproduzem outros fenômenos socioeconômicos, culturais e políticos por meio do racismo estrutural:

- **Ausência de representatividade:** A percepção nos meios de comunicação muitas vezes não reconhece manifestações artísticas, políticas e sociais da população negra.
- **Solidão negra:** A população negra afro-brasileira, especialmente as mulheres, enfrentam machismo estrutural e desigualdade econômica.
- **Desemprego:** A maioria dos desempregados é composta por jovens negros das periferias e favelas brasileiras.
- **Genocídio/Necropolítica:** O estado liberal é responsável pelo extermínio da comunidade negra, com dados estatísticos alarmantes acima da média mundial.
- **Intolerância religiosa:** As religiões de matriz africana são frequentemente atacadas por instituições neopentecostais.

- **Piadas racistas:** No cotidiano, os negros são julgados pela cor da pele, associados a estereótipos de malandragem e atitudes sexuais.
- **Acesso à educação:** O índice de analfabetismo entre negros é significativamente maior do que entre brancos.
- **Encarceramento em massa:** Dados estatísticos mostram que a maioria da população carcerária é composta por sujeitos negros.
- **Linguístico:** Há um desconhecimento da pluralidade da cultura negra e imigrantes.

A principal **função** do racismo estrutural, tendo a branquitude como a principal influência política e econômica, é consolidá-la como padrão político, social e cultural, onde esses conceitos não são questionados nem modificados pela lógica do neocolonialismo e os grupos minoritários, representados pelos sujeitos negros, sempre serão marginalizados e inferiorizados, perpetuando a segregação racial e fortalecendo a desigualdade socioeconômica.

Fontes de informação sobre racismo estrutural

Apontamos a estrutura lógica do racismo estrutural por meio do infográfico apresentado neste artigo e indicaremos algumas fontes de informação da cultura negra afro-brasileira que são necessárias para exercitar a pedagogia antirracista. Essas fontes podem ser compartilhadas com todos os interessados nesta temática educacional e social para a construção de uma sociedade antirracista no contexto contemporâneo:

- *Racismos: das cruzadas ao século XX*, de Francisco Bethencourt (Editora Companhia das Letras, 2018).

A pergunta que todos querem saber é: qual é a origem do racismo? O pesquisador e historiador, ao escrever este livro, apresenta o resultado de sua pesquisa acadêmica de doutorado sobre a contextualização do racismo estrutural. Na capa do livro, observa-se a pluralidade de várias etnias raciais (de cima para baixo): asiáticos, árabes e africanos. A origem do racismo começa pela Guerra das Cruzadas, no século XV, onde a religião é a principal mola propulsora que incentiva o nascimento do racismo no planeta.

A contextualização do racismo estrutural inicia-se pela **religião**, que também ajudou a criar outro conceito debatido e pesquisado por especialistas em Ciências Sociais e Humanas: o **machismo estrutural**. Este livro explica que o racismo estrutural teve sua origem e se desenvolveu ao longo do século XV, afirmando-se na lógica do colonialismo.

Após apresentar a origem do racismo estrutural, abordamos o segundo conceito-tópico, que se desenvolveu no continente europeu entre os séculos XV e XIX, através do filme produzido em parceria por duas produtoras cinematográficas francesa e inglesa:

- *Vênus Negra* (2009), dirigido por Abdellatif Kechiche.

Paris, 1817. Diante do corpo de Saartjie Baartman (que, por desconhecermos a pronúncia correta de seu nome africano, nos referimos a ela como Sarah), o anatomista Georges Cuvier afirma que jamais viu uma cabeça humana tão parecida com a dos macacos. Uma plateia composta por cientistas aplaude essa constatação. Sete anos antes, Sarah foi raptada de sua tribo na África do Sul e tornou-se escrava de Hendrick Caezar, sendo obrigada a se exibir em circos humanos de aberrações em Londres.

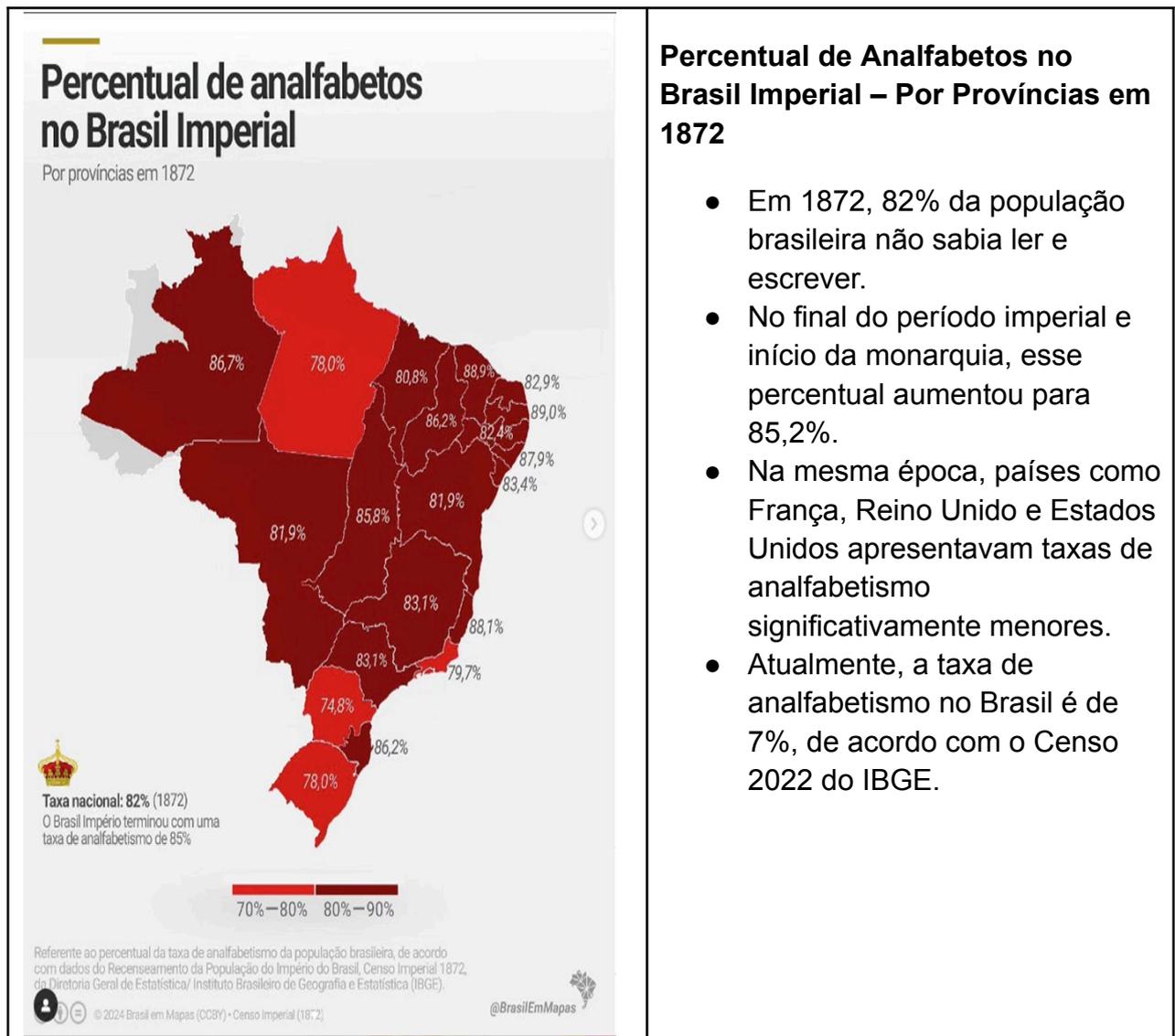
Outro conceito-tópico enraizado em várias pesquisas acadêmicas e científicas é apresentado no final do filme marcado pela morte de Sarah, que é levada ao Museu de História Natural, onde seu corpo é exposto nu. Dois homens brancos, vestidos com jalecos brancos de medicina, observam sua aparência de mulher negra, com 1,65m de altura e grandes nádegas. Essa cena final explica simbolicamente o nascimento do **racismo científico**. As observações científicas por meio do racismo científico, que se popularizou nas instituições acadêmicas do continente europeu, determinaram que a comunidade negra, pela cor de sua pele, era inferior aos brancos, criando outros conceitos do racismo estrutural que chegariam ao continente latino-americano no início do século XIX.

- *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (Editora Penguin & Companhia das Letras, 1881).

No período pós-abolição da escravatura no Brasil, o Rio de Janeiro transformou-se na capital da monarquia brasileira. Brás Cubas morre totalmente solitário, sem ao menos ter formado uma família. Durante sua morte, recorda suas memórias desde a infância até a fase adulta, descrevendo sua percepção socioeconômica, política e social da sociedade carioca daquele século. Ele apresenta uma dualidade entre a aparência de riqueza e a miséria econômica, educacional e social.

O racismo científico ganhou notoriedade no continente europeu e na sociedade norte-americana. A elite brasileira, representada pelos jovens que estudavam na Europa e nos Estados Unidos, retornava ao Brasil com informações sobre desenvolvimento econômico e científico. A comunidade negra afrodescendente que vivia nesse período, entre os séculos XV e XIX, não era reconhecida como herdeira de ancestrais negros, eram considerados indivíduos inferiores. Aqueles que conseguiam ascender na pirâmide social, frequentemente só ganhavam prestígio social ao se associarem à cultura européia/branca. As legislações brasileiras não permitiam que a comunidade negra tivesse acesso à educação e ao conhecimento. A seguir, conheceremos mais um conceito-tópico do racismo estrutural.

Atualmente, há um intenso debate sobre as cotas raciais e ações afirmativas, que divide a opinião pública da sociedade civil brasileira em um contexto geral. Por que é necessário debater esse conceito social e educacional? A resposta pode ser encontrada neste infográfico sobre a origem da desigualdade educacional da comunidade negra afro-brasileira:



Percentual de Analfabetos no Brasil Imperial – Por Províncias em 1872

- Em 1872, 82% da população brasileira não sabia ler e escrever.
- No final do período imperial e início da monarquia, esse percentual aumentou para 85,2%.
- Na mesma época, países como França, Reino Unido e Estados Unidos apresentavam taxas de analfabetismo significativamente menores.
- Atualmente, a taxa de analfabetismo no Brasil é de 7%, de acordo com o Censo 2022 do IBGE.

Fonte: @Brasilmapas Instagram.

Durante a transição da sociedade civil brasileira do período Imperial à República, a elite educacional e política promulgou a legislação de educação, como a Lei nº 3, de 1837, e o Decreto nº 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro. Nesses documentos, “pessoas escravizadas eram proibidas de frequentar as escolas públicas”, marcando o surgimento simbólico do **racismo educacional**. Assim, as camadas mais pobres da população não foram incentivadas a adquirir educação no Brasil.

A forte influência do racismo científico entrou facilmente no inconsciente da produção intelectual e cultural entre o início do século XIX e o século XX no Brasil. Dois intelectuais brasileiros que mencionaremos trouxeram, dos Estados Unidos, as ideologias do racismo estrutural. A primeira influência social é:

- *O Presidente Negro*, de Monteiro Lobato (Editora Globo, 1926).

O piloto Ayrton Lobo constrói um carro do futuro e se considera superior aos demais, mas, após um acidente, perde parte de um membro. Ele é salvo pelo professor Berson, que vive com sua filha, Miss Jane. O professor Berson criou várias invenções de tecnologias voltadas à qualidade de vida, mas faleceu. Miss Jane continua seu legado científico e, um dia, ela e Ayrton vão aos Estados Unidos, onde, durante as eleições norte-americanas, quase elegem um presidente negro.

O Instituto Geledés define a ideologia da eugenia, que vem do grego e significa “bem-nascido”, referindo-se a indivíduos com capacidade intelectual considerada hereditária (pessoas brancas). Em outras palavras, os membros familiares compartilham entre si essas características, justificando a exclusão de negros, asiáticos e pessoas com deficiência (GELEDES, 2024). O escritor Monteiro Lobato apoiava o movimento eugenista no Brasil durante sua estadia na sociedade norte-americana. As instituições científicas e acadêmicas estavam imersas na ideologia do racismo científico, ensinando que uma sociedade ideal não deveria incluir a comunidade negra afrodescendente, **visando a extermínio de quaisquer referências à pele negra e promovendo uma reconstrução em que a pele fosse predominantemente branca**. Por isso, escreveu o livro *O Presidente Negro*, onde a sociedade civil brasileira é retratada sob a perspectiva europeia e norte-americana, com a raça branca como protagonista do Estado Novo no Brasil.

Outra publicação brasileira que seguiu essa linha de raciocínio sobre racismo estrutural, apresentando uma formação cultural e social de maneira “romântica”, foi:

- *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre (Global Editora, 1933).

O livro é resultado de pesquisas sobre os processos de formação cultural, econômica e social do Brasil, debatendo conceitos que ainda são atuais, como a miscigenação racial, tema controverso entre os pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais. A leitura dessa obra é fundamental para compreendermos a história do Brasil, considerando as contribuições das etnias branca, negra e indígena.

Na década de 1930, os países desenvolvidos, representados por instituições financeiras, principalmente dos Estados Unidos, questionaram a situação socioeconômica

do Brasil: “Se vocês [Brasil] são tão ricos em biodiversidade, por que continuam na miséria?”. A resposta foi apresentada na pesquisa de doutorado de Gilberto Freyre, que trouxe à tona o conceito de **ideologia da democracia racial**. A melhor forma de melhorar a sociedade civil brasileira seria a “mistura” das três etnias: branca, negra e indígena. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) adota metodologias de pesquisa étnica:



Fonte: próprio autor.

A principal justificativa para a melhoria do desenvolvimento econômico, social e educacional no Brasil é que os brancos são considerados a referência, enquanto a comunidade negra e os povos indígenas permanecem em uma situação de subalternidade sociológica. Na década de 1930, o desenvolvimento econômico, político e social no Brasil foi impulsionado principalmente pelos descendentes europeus, especialmente nas grandes cidades, através de um processo de urbanização acelerado. Nesse contexto, a região Nordeste foi esvaziada pelo êxodo rural, o que contribuiu para a formação de periferias e favelas nas áreas urbanas.

Fontes de informação: uma abordagem crítica ao racismo estrutural

Após a disseminação do conceito de miscigenação na sociedade civil brasileira em 1930, surgiram intelectuais negros que contra-argumentaram a ideologia da democracia racial. Nesse período, destacaram-se movimentos sociais e políticos da comunidade negra afro-brasileira, como o Movimento Negro Unificado (MNU). A seguir, apresentaremos três referências da cultura negra afro-brasileira.

Florestan Fernandes em sua obra faz uma crítica a ideia de miscigenação brasileira, demonstrando que é uma ideologia que mascara a desigualdade social, afirmando que as comunidades indígenas e negras foram fundamentais para o desenvolvimento econômico do Brasil:

- *A Integração do Negro na Sociedade de Classe*, (Editora Contracorrente, 2021).

Este livro é uma referência importante sobre o processo de emancipação da população negra afro-brasileira na sociologia. Fernandes argumenta que a comunidade negra foi uma das principais contribuidoras para a economia brasileira, mas ainda está marginalizada no tecido social. Ele defende que a democracia racial é um mito, distanciando-se da realidade.

Clóvis Moura aprofunda o debate sobre a emancipação da comunidade negra afrodescendente brasileira na sua obra:

- *Dialética Radical do Brasil Negro*, (Editora Anitta Garibaldi, 2021).

Neste livro, Moura analisa as dinâmicas das etnias raciais, articulando-as com a ideologia capitalista e a luta de classes. Sua contribuição é significativa para a discussão sobre a luta contra o racismo estrutural, enfocando a dinâmica das relações raciais como um elemento essencial na formação da sociedade civil brasileira.

Kabengele Munanga, também aborda o tema em várias pesquisas acadêmicas, consideramos sua principal obra:

- *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra*, (Editora Autêntica, 2020).

Neste livro, Munanga discute a formação da identidade nacional brasileira à luz de um discurso pluralista emergente (multiculturalismo, pluriculturalismo). Ele convida todos os interessados a refletirem sobre por que as etnias indígenas e negras são rotuladas como minorias. O sistema neoliberal brasileiro silencia suas vozes e atuações, perpetuando a ideia de que essas comunidades não são capazes de construir suas identidades socioeconômicas, políticas e sociais na América Latina.

Outros intelectuais brasileiros, influenciados por essas pesquisas, criaram narrativas políticas e sociais que se enraizaram nas instituições educacionais. O pesquisador Jessé Souza, por exemplo, observa que Fernandes ajudou a formar o pensamento da classe média brasileira e que isso estabeleceu o conceito de desigualdade socioeconômica e social nas instituições acadêmicas.

Esses três intelectuais negros apresentam abordagens críticas ao mito da democracia racial no Brasil. A leitura da obra de **Carolina Maria de Jesus**, escritora, poetisa e compositora negra afro-brasileira, comprova a partir das suas vivências, a falácia desse mito:

- *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*, (Editora Ática, 1960).

Neste diário, Carolina relata sua vida na favela Canindé, abordando seu cotidiano como catadora de papel e oferecendo um olhar realista sobre as favelas de São Paulo na década de 1960.

Após a redemocratização brasileira na década de 1980, o Movimento Negro Unificado ganhou visibilidade, por seu enfrentamento da Ditadura Militar. Uma referência importante sobre esse movimento é:

- *Movimento Negro Unificado – a resistência nas ruas*, (Editora Perseu Abramo e Edições SESC, 2023).

O livro celebra os 40 anos do MNU, apresentando os principais militantes negros afro-brasileiros e um conjunto de grupos engajados e organizados em São Paulo no combate ao racismo estrutural. Destacamos os intelectuais negros afro-brasileiros: Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Maria Beatriz Nascimento e Suely Carneiro.

Racismo estrutural no tecido social do Brasil

As manifestações culturais da comunidade negra afrodescendente sofreram as consequências do período pós-ditadura militar, especialmente no que diz respeito às religiões de matriz africana. As instituições neopentecostais brasileiras começaram a surgir em territórios periféricos, adquirindo veículos de comunicação que ajudaram a disseminar seus discursos. Um livro que explica esse contexto contemporâneo é:

- *Intolerância Religiosa*, de Sidnei Nogueira (Editora Pólen Livro, 2020).

Neste livro, o pesquisador negro afro-brasileiro contextualiza a intolerância religiosa desde sua origem até a chegada ao Brasil, ressaltando a ausência de conhecimento real sobre essas práticas religiosas da cultura negra afrodescendente.

Além disso, há resquícios de ódio herdados do regime militar, que utilizou instrumentos de armamento para exterminar a comunidade negra nas periferias e favelas brasileiras. O alto índice de mortalidade entre os corpos negros os coloca como principais vítimas dessa violência calculada. Para entender esse conceito, recomendamos o livro:

- *Necropolítica*, de Achille Mbembe (Editora N-1 Edições, 2018).

Este ensaio antropológico e sociológico discute como o estado neoliberal utiliza o "poder da morte", abordando suas origens e exemplos em contextos globais.

O sistema jurídico brasileiro também contribui para o fortalecimento da necropolítica. Em sua estrutura administrativa, a ausência de sujeitos negros dificulta o exercício de um julgamento digno de confiança para a comunidade negra e afrodescendente. Este livro faz uma crítica construtiva ao sistema punitivo, que é seletivo:

- *“É fragrante fojado dôtor vossa excelência” – audiências de custódia, africanidades e encarceramento em massa no Brasil*, de Carla Akotirene (Editora Civilização Brasileira, 2024).

As instituições jurídicas brasileiras utilizam uma persuasão agressiva contra a comunidade negra afro-brasileira para "forçar" a sua "culpabilidade", negando-lhe um julgamento justo e digno, que respeite sua memória ancestral. A pesquisadora, professora e escritora percebeu, ao observar diversas audiências, que o sujeito negro é tratado como se fosse mais um escravizado do sistema colonial.

O Movimento Negro Unificado e alguns parlamentares negros afro-brasileiros no Congresso Nacional conseguiram uma conquista histórica para a comunidade negra afrodescendente: a aplicação da legislação que transformou os conteúdos das instituições escolares brasileiras:

Legislação 10.639/2003 – 20 anos: A Obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira

Todas as instituições de ensino, públicas e privadas, devem incluir em suas estruturas pedagógicas conteúdos sobre a história e a cultura negra afro-brasileira, tanto para estudantes quanto para professores e para a comunidade escolar.

Desconstruindo o racismo estrutural na lógica neoliberal

Após a implementação da legislação 10.639/2003, a primeira gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva promoveu o acesso às instituições de ensino superior para comunidades periféricas, permitindo que vários sujeitos negros afro-brasileiros se desenvolvessem intelectualmente e socialmente. Um livro que explora as vozes daqueles que foram silenciados ao longo do tempo é:

- *Lugar de Fala*, de Djamila Ribeiro (Editora Pólen Edições, 2019).

Neste livro, a autora contextualiza o conceito da sociedade cisheteropatriarcal eurocentrada, que sempre foi a "voz ativa" no século XX. A filósofa, escritora e pesquisadora negra afro-brasileira desconstrói esse argumento, evidenciando a lógica dos discursos de acordo com a posição social de quem fala.

Os meios de comunicação brasileiros também reforçam a percepção do imaginário popular, que retrata a comunidade negra afrodescendente como "não servindo para nada", "apenas malandros", entre outros estereótipos. Esse contexto contemporâneo é abordado no livro:

- *Racismo Recreativo*, de Adilson Moreira (Editora Pólen Edições, 2019).

O especialista em direito negro afro-brasileiro explica os conceitos de racismo recreativo, injúria racial e as narrativas racistas reproduzidas pela ótica da justiça brasileira. Os programas de televisão, segundo o autor, reforçam ainda mais esse imaginário na sociedade civil brasileira.

Um produto da grande indústria midiática liberal que é amplamente consumido pela sociedade civil brasileira são as telenovelas, onde a comunidade negra afro-brasileira é frequentemente rotulada. O livro:

- *A Negação do Brasil – O Negro na Telenovela Brasileira*, de Joel Zito Araújo (Editora SENAC São Paulo, 2019) é fruto de uma pesquisa acadêmica que analisa a telenovela brasileira entre 1963 e 1997. A obra contribui para a discussão do

imaginário popular na sociedade civil brasileira, abordando conceitos como multietnicidade e democracia racial, e enfatiza que a principal referência da mídia é o padrão europeu e norte-americano, que favorece a cultura da branquitude.

Os dois livros mencionados apresentam mais um conceito do racismo estrutural, que é o **racismo midiático**. A escassez de referências à diversidade cultural humana nas produções audiovisuais é uma questão que merece destaque.

Cultura da branquitude no racismo estrutural

O racismo estrutural se ramifica profundamente no tecido social brasileiro, sendo planejado e estruturado sem questionamentos por parte dos sujeitos sociais. Um livro que aborda as observações teóricas e práticas sobre esse conceito é:

- *Racismo Estrutural – uma perspectiva social-histórica*, de Dennis de Oliveira (Editora Dandara, 2021).

O professor e pesquisador negro afro-brasileiro discute como o racismo está enraizado no imaginário social do Brasil. A obra explica o conceito de racismo estrutural, evidenciando sua formação histórico-social e sua expressão nas dinâmicas das relações sociais no neoliberalismo mundial.

O principal aliado do neoliberalismo, tanto mundial quanto brasileiro, é a **cultura da branquitude**. Duas pesquisadoras negra e branca/judaica nas áreas de psicologia exploraram como essa cultura está enraizada nas principais instituições, organizações e cidades brasileiras. Os livros que seguem trazem essas investigações:

- *O Pacto da Branquitude*, de Cida Bento (Editora Companhia das Letras, 2022).
A pesquisadora identificou que, em diversas instituições e organizações, havia critérios de escolha que favoreciam indivíduos brancos em processos seletivos, mesmo quando candidatos negros afrodescendentes possuíam grau de ensino superior completo. Em suas pesquisas acadêmicas, Cida Bento desconstrói a falácia da meritocracia, introduzindo o conceito de “pacto narcísico da branquitude”.

Seguindo a linha de raciocínio na pesquisa acadêmica, Guerreiro Ramos influenciou Cida Bento, e outra pesquisadora branca/judaica, que investigou a formação sociocultural e econômica da cultura da branquitude em São Paulo-SP. Em seu livro, ela explica como o

racismo estrutural e o privilégio da branquitude são claramente visíveis, conforme mencionado pelos pesquisadores Florestan Fernandes, Clóvis Moura e Kabengele Munanga.

- *Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo: Branquitude, Hierarquia e Poder na Cidade de São Paulo*, de Lia Vainer Schucman (Editora Veneta, 2020), discute como a cultura da branquitude é construída. A partir de sua pesquisa em São Paulo, a autora revela a maneira como o privilégio branco é construído e mantido na sociedade civil brasileira no século XXI.

As instituições sociais e educacionais que representam o privilégio e a cultura da branquitude são, em grande parte, as universidades, faculdades e institutos federais. O pesquisador negro afro-brasileiro Lourenço Cardoso apresenta essa questão em seu livro:

- *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional*, (Editora Appris, 2020).

Esta pesquisa analisa porque pesquisadores brancos utilizam sujeitos negros como objetos de estudo. Através de inúmeras entrevistas com pesquisadores brancos, o autor conclui que a comunidade acadêmica precisa urgentemente descolonizar suas mentalidades e abrir diálogos com a diversidade cultural.

Além dos conceitos de racismo recreativo e racismo midiático, surge um novo conceito nos meios de comunicação digitais, que a extrema direita mundial e brasileira utiliza em benefício próprio:

- *Racismo Algorítmico: Inteligência Artificial e Discriminação nas Redes Digitais*, de Tarcízio Silva (Editora Edições SESC, 2022), investiga como a tecnologia da comunicação digital, através da inteligência artificial, discrimina determinados grupos com base em sua etnia e raça. O autor observa que existem hierarquias raciais nas tecnologias digitais de comunicação e informação que afetam negativamente a comunidade negra afrodescendente.

Racismo estrutural e racismo ambiental: prejuízos à biodiversidade do planeta Terra

A UNESCO e a ONU têm demonstrado preocupação com o desenvolvimento da biodiversidade do planeta. As principais cidades, tanto mundial quanto nacionalmente, enfrentam um processo de urbanização e industrialização acelerados, enquanto a população demográfica cresce de forma exponencial. Essa dinâmica impacta negativamente o meio ambiente, e o conceito de racismo estrutural, discutido amplamente por especialistas, ativistas e pesquisadores, é fundamental para entender essas questões. Dois livros que elucidam esse termo contemporâneo são:

- *Direito e Racismo Ambiental na Diáspora Africana – Promoção da Justiça Ambiental Através do Direito*, de Arivaldo Santos de Souza (Editora UFBA, 2015).

Este livro contextualiza a colonização na América Latina, apresentando a origem do racismo ambiental sob a perspectiva da justiça ambiental. O autor debate como as questões socioambientais afetam os grupos mais vulneráveis.

- *Racismo Ambiental e Emergências Climáticas no Brasil*, organizado por Mariana Belmont (Editora Instituto de Referência Negra Peregum, 2023).

Esta coletânea de artigos aborda o racismo ambiental, destacando como a comunidade negra afro-brasileira continua a expor as mazelas socioeconômicas, culturais e ambientais que enfrenta.

Um exemplo notável de racismo ambiental é a tragédia ocorrida no Rio Grande do Sul em 2024, onde comunidades negras afro-brasileiras em quilombos, terreiros, periferias e favelas sofreram com enchentes devastadoras, destruindo a biodiversidade local. Outro caso emblemático é a floresta amazônica, onde Chico Mendes, ativista ambiental e diplomata, já havia alertado sobre os riscos enfrentados.

Dois representantes das culturas quilombolas e indígenas discutem a importância da terra e suas relações com a biodiversidade:

- *A terra dá, a terra quer*, de Antônio Bispo dos Santos (Editora Ubu, 2023).

O líder quilombola negro afro-brasileiro destaca a importância da terra, lembrando a identidade cultural, social e econômica dos quilombos. Ele oferece uma percepção crítica sobre a formação colonial e a perda dos ecossistemas.

- *O amanhã não está à venda*, de Ailton Krenak (Editora Companhia das Letras, 2020). Neste livro, Krenak, ativista indígena, aborda as ameaças que os povos originários enfrentam. Durante a pandemia de Covid-19, ele expressa lucidez, esperança e um futuro sustentável para as próximas gerações, enfatizando a interconexão entre seres humanos, natureza e planeta.

No segundo semestre de 2023, o Museu das Favelas realizou a 1ª edição do “Seminário de Pesquisa – Favela é o Centro”, onde Thuane Nascimento, da PerifaConnection, fez uma explanação sobre a relação entre periferias, comunidades e quilombos, ressaltando a produção de memórias nesses territórios. Segundo Nascimento (2023) a ligação do corpo ao território é algo importante, não existe separação para as comunidades de povos originários indígenas e negros afrodescendentes. A primeira manifestação dessa comunidade é o corpo no território. As terras no Brasil eram posse, e a elite econômica, política e social não quis distribuir terras para esses grupos étnico-raciais. O estado neoliberal precisa criar um produto que lhe ofereça lucro e, para isso, cria legislações sobre as terras, resultando em um conceito bem conhecido: desigualdade social.

Fontes de informação para aplicar atitudes antirracistas no Brasil

Após contextualizar o racismo estrutural na sociedade brasileira, apresentaremos outras fontes de informação para iniciar o processo de descolonização e a construção de sujeitos antirracistas. Esta bibliografia básica visa auxiliar no desenvolvimento de uma cultura e educação antirracistas, abrangendo desde livros até perfis nas mídias sociais digitais. A seguir, estão algumas sugestões para construirmos uma sociedade verdadeiramente antirracista:

1. Livros:

- *Como Ser um Educador Antirracista*, de Barbara Carine (Editora Planeta, 2023). A pesquisadora e militante negra afro-brasileira discute a formação de ensino-aprendizagem nas instituições escolares, apontando que as grades curriculares possuem um viés de colonização. Para aplicar a luta antirracista, é essencial abordar conceitos como pacto da branquitude, racismo estrutural, cotas raciais e educação emancipatória nas ações pedagógicas, na formação de educadores e na comunidade escolar.

- *Pequeno Manual Antirracista*, de Djamila Ribeiro (Editora Companhia das Letras, 2019).

A filósofa e ativista negra afro-brasileira apresenta 11 lições sobre como o racismo estrutural prejudica a comunidade negra, oferecendo um guia prático para a educação antirracista no Brasil.

- *O Perigo de uma História Única*, de Chimamanda Ngozi Adichie (Editora Companhia das Letras, 2019).

A escritora nigeriana explora a importância de diversas narrativas na construção da identidade e da compreensão histórica, contribuindo para a análise do racismo estrutural. Seu famoso Ted Talk, que inspirou o livro, alcançou 18 milhões de visualizações.

2. Vídeos e Mídias Sociais:

- *Cronologia do Racismo Estrutural no Brasil*, de Ad Júnior (canal do YouTube, 2019).

O militante negro afro-brasileiro apresenta uma contextualização do racismo estrutural em apenas 6 minutos, abordando a lógica do neocolonialismo no século XXI.

- *Racismo Estrutural*, de Ad Júnior (Ted Talk, canal do YouTube, 2019).

Neste vídeo, ele fornece uma análise crítica do racismo estrutural, destacando a percepção do preconceito nas mídias sociais.

- *Um Novo Olhar sobre a Pessoa Negra: Novas Narrativas Importam*, de Gabi Oliveira (Ted Talk, canal do YouTube, 2018).

A influenciadora negra afro-brasileira compartilha suas reflexões sobre racismo estrutural e cultura antirracista com seus seguidores.

- @AfroAntropóloga de Izabel Accioly (2024).

A especialista em Ciências Sociais e antropóloga negra afro-brasileira oferece cursos livres e capacitação profissional, ensinando práticas de cultura antirracista no Brasil.

Considerações finais

Ao redigir este artigo para a instituição museológica, percebemos que o racismo estrutural foi meticulosamente planejado, permeando desde a comunicação até a socialização entre os indivíduos. Conceitos como “racismo reverso” e a oposição às cotas raciais são frequentemente utilizados pelos meios de comunicação da extrema direita mundial e brasileira. A história do racismo estrutural é antiga, e para nos tornarmos uma sociedade antirracista, é crucial que os indivíduos tenham a coragem de desconstruir a lógica do neocolonialismo presente nas instituições educacionais e culturais.

Durante o processo de escrita, assistimos ao vídeo da 1ª edição do seminário “Favela é o Centro”, onde a representante do PerifaConnection, Thuane Nascimento, ressaltou que os corpos e os territórios são unidades singulares; não há separação entre as culturas indígenas e negras, que sempre foram produtoras de suas próprias memórias.

Outra falácia que persiste é a ideia de que a comunidade negra afro-brasileira não valoriza a educação. A elite criou um arcabouço jurídico que historicamente impediu os escravizados de acessarem o conhecimento escolar. As fontes de informação sobre a cultura negra afro-brasileira são essenciais para promover atitudes antirracistas e para qualquer um que deseje fomentar a igualdade e o respeito à diversidade cultural humana.

O diálogo e a escuta são estratégias fundamentais para a implementação da cultura e educação antirracista. A tendência de instituições, organizações e comunidades em educar suas populações locais nos lembra do lema do Museu das Favelas: “Novos caminhos para a mudança precisam passar pelas favelas”. As periferias e favelas nos ensinam a ser mais colaborativos, humanos e igualitários, refletindo o conceito da filosofia africana: “Ubuntu” — todos nós somos um só.

Referências

ACCIOLY, Izabel. **Curso livre: relações raciais e branquitude no Brasil**. Fortaleza, 03 nov. 2020. Instagram: @afroantropologa. Disponível em:

<https://www.instagram.com/afroantropologa/>. Acesso em: 04 set. 2024.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **“É fragrante fojado dôtor vossa excelência”**: audiências de custódia, africanidades e encarceramento em massa no Brasil. Civilização Brasileira, 2024.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Livros, 2021.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. SENAC São Paulo, 2019.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Penguin e Companhia das Letras, 1881.

BELMONT, Mariana (Org.). **Racismo ambiental e emergências climáticas no Brasil**. Oralituras, 2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

BETHENCOURT, Francisco. **Racismos**: das cruzadas ao século XX. Companhia das Letras, 2018.

BRASIL EM MAPAS. **O analfabetismo no Brasil Imperial**. Rio de Janeiro, 18 jun. 2024. Instagram: @brasilemmapas. Disponível em: <https://www.instagram.com/brasilemmapas/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRAUNS, Ennio (Orgs.). **Movimento Negro Unificado**: a resistência nas ruas. Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2024.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional. Appris, 2020.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. Planeta, 2024

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe**. Contracorrente, 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Global Editora, 1933.

GELEDÉS. **O que foi o movimento de eugenia no Brasil: tão absurdo que é difícil acreditar**. Site, 20. Out de 2024. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/eugenia-no-brasil-movimento-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/>

Acesso em: 23. out. 2024

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Ática, 1960.

- JUNIOR, AD. **Você precisa saber: cronologia do racismo no Brasil**. YouTube, 26 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NJE0CcFI3IY>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras, 2020
- LOBATO, Monteiro. **O presidente negro**. Globo Livros, 1926.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. N-1 edições, 2018.
- MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Pólen Livros, 2019.
- MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil Negro**. Anita Garibaldi, 2021.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica, 2020.
- MUSEU DAS FAVELAS. **Favela é o Centro**: conferência de abertura – Thuane Nascimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BuzsRY4kua0&t=1793s>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. Pólen Livros, 2020.
- OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Dandara, 2021.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Livros, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Antônio dos. **A terra dá, a terra quer**. UBU, 2023.
- SANTIAGO, Bruna **Infográfico sobre Racismo Estrutural**. Paraíba, 20. out 2024
Instagram: @leituraspretas Disponível em: <https://www.instagram.com/leituraspretas/>
Acesso em 22 out. 2024.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. FAPESP, 2020.
- SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. Edições SESC, 2022.
- SOUZA, Antônio Santos dos. **Direito e racismo ambiental na diáspora africana**: promoção da justiça ambiental através do direito. EUFBA, 2021.
- TEDX TALKS. **Racismo Estrutural com AD Junior/TEDxLaçador**. YouTube, 18 de junho de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_cCqIYediyg&t=199s. Acesso em: 29 jun. 2024.
- TEDX TALKS. **Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam com Gabi Oliveira/TEDxUNIRIO**. YouTube, 13 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FYg-vQwm3Lo&t=9s>. Acesso em: 29 jun. 2024.

VÊNUS Negra. Direção: Abdellatif Kechiche. Produção Charles Gillibert, Marin Karmitz, Nathanaël Karmitz. Paris: MK2 Productions, 2010. 159 minutos.

ZIN, Rafael Balseiro. **REDE DE PESQUISADORES DAS LITERATURAS DE AUTORIA NEGRA E AFRO-BRASILEIRA – Facebook**. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/399112080273121/>. Acesso em: 20 jun. 2024.